

**Pequena Obra da Divina Providência**

**Dom Orione**



**1**

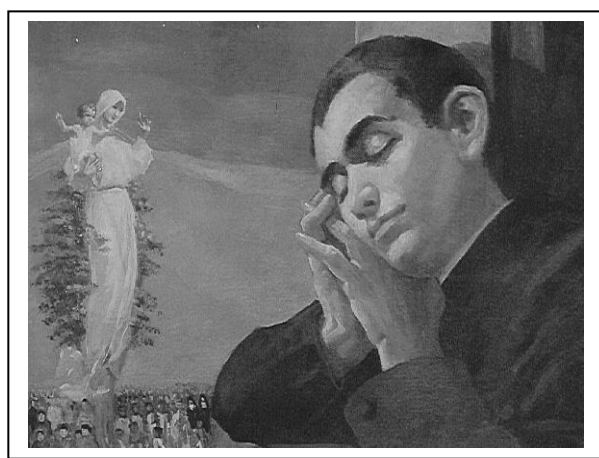
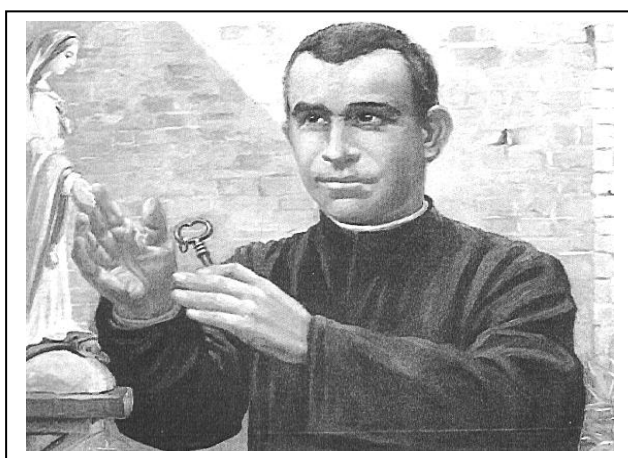
**Secretaria Provincial**

Pe. Genésio Poli – Maio 1985 – Autor

# Os Filhos de Dom Orione no Brasil

## 1. Um sonho e os primeiros contatos

Chega a ordem de fechar o Oratório juvenil ao qual o jovem Orione dedicava-se totalmente. A ordem vem do seu Bispo e prontamente obedece. Fecha a porta, coloca a chave na mão da imagem de Nossa Senhora e sobe ao seu pequeno quarto... Chora encostado à janela, fitando embaixo o Oratório e ora... Adormece; vê desaparecer tudo diante de si e aparecer Nossa Senhora num manto azul, mais azul do que o céu de baixo dele uma multidão sem fim de meninos de todas as cores, de cor branca, preta, de cor como o cobre... meninos, clérigos, sacerdotes... Era julho de 1893.



*Para obedecer o Bispo, Luís Orione teve que fechar o Oratório festivo. Antes, porém, entrega o Oratório e os jovens a Nossa Senhora: que Ela tome conta.*

*O consolo celestial não demora, porém, a vir em socorro do clérigo Orione: ...até que adormece.*

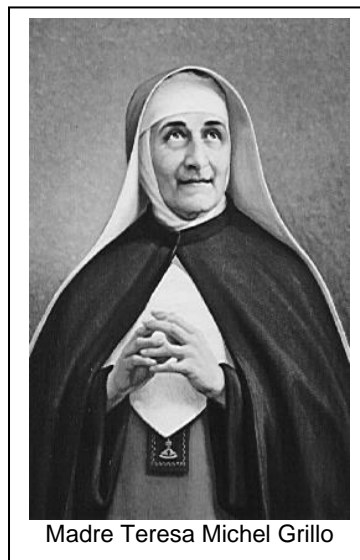
*O sonho de Nossa Senhora com o manto azul.*

Tal aspiração missionária no momento em que o pequeno embrião do seu instituto desmoronava, era a Providência Divina que devia realizá-la e não muito mais tarde!



*"...ao findar o século XIX, a Divina Providência fizera-o encontrar Madre Tereza Michel Grillo, senhora piemontesa que se dedicara de corpo e alma ao serviço de Deus na caridade. Em torno dela, uma Congregação se estava formando. Madre Michel Grillo sujeitara-se à direção espiritual de Dom Orione, e a Congregação floresceu tanto que, em 13 de junho de 1909, um primeiro grupo de religiosas pôde enxamear e zarpar de Gênova para o Brasil. Principal recurso, as cartas comendatícias dum jovem padre desconhecido, paupérrimo, que se chamava Orione."*<sup>1</sup>

As religiosas da M. Michel eram destinadas ao Colégio da S. Família, na Mooca - S. Paulo.



Madre Teresa Michel Grillo

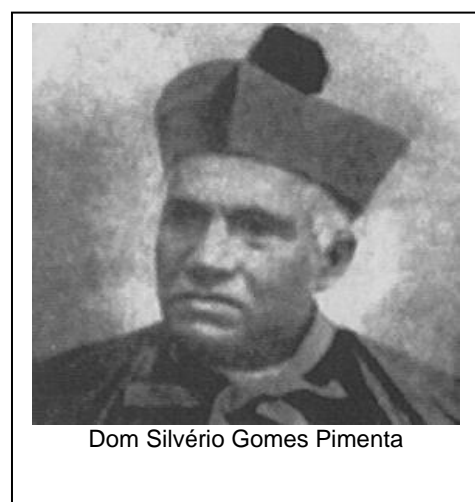
Com o desenvolvimento desta Instituição religiosa continuou sempre o contato de uma direção espiritual e a um convite da M. Michel para que D. Orione viesse ao Brasil solucionar suas dificuldades, ele responde: *"Estou disposto a ir eu mesmo ao Brasil quando for necessário e à glória de Deus. Não conheço a língua, não sei nada, mas a caridade fala uma única língua e toda as línguas..."* (Carta 3/ 10/05).

Em outra carta de 12 de outubro de 1905 respondendo às insistências da M. Michel, escreve de Roma: *"Não acho que se tenha que abandonar a América e sim salvá-la... Eu vibrarei de alegria e bendirei tanto Nosso Senhor o dia em que a Divina Providência me levasse a plantar as tendas dos Filhos da Divina Providência no Brasil e especialmente nos rincões da América que tendem a separar-se do doce jugo da Igreja"...* e quer um pouco de pessoal desejoso de levá-lo à América.

Dom Orione, encarregado pelo Bispo de Tortona a orientar espiritualmente as Religiosas da Madre Michel, quer enviar ao Brasil em visita às suas obras, um sacerdote de sua confiança e a escolha cai sobre o Pe. Vittorio Gatti que com a benção de D. Bandi, junto com a própria M. Michel, embarca em Genova (15.06.1906).

Em São Paulo a situação é difícil; ele não é aceito e não pode rezar a Santa Missa. Chegando em Mariana - Madre Michel já tinha uma obra em Queluz (hoje, Conselheiro Lafaiete) - Pe. Gatti escreve a Dom Orione dizendo que o Arcebispo, Dom Silvério Gomes Pimenta, quer lhe dar uma espécie de missão para os 150 km de território da Arquidiocese.

De Queluz de Minas (Conselheiro Lafaiete), Madre Michel escreve a D. Orione dizendo que o Arcebispo de Mariana aguarda os Padres da Divina Providência. *"Se voltasse Pe. Gatti! Deixou o perfume das suas virtudes..."* E em mais quatro cartas repete o mesmo pedido do Sr. Arcebispo.

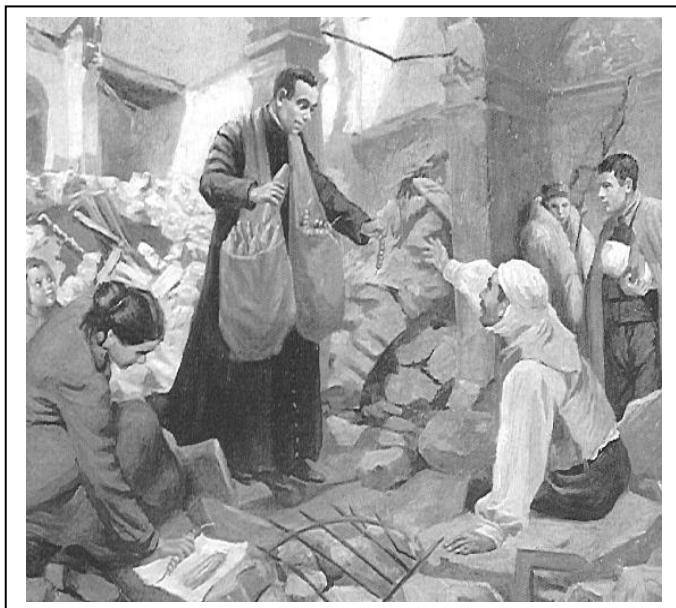


Dom Silvério Gomes Pimenta

Dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, afinal escreve diretamente a Dom Orione (22.06.1907) e este, na festa de S. Estanislau (13.11.1907) e novamente no dia 17.01.1908, pede ao Bispo de

<sup>1</sup> PAPÀSOGLI, Giorgio. Vida de Dom Orione. Trad. Maurício Ruffier, SJ. São Paulo, Loyola, 1991. Pág. 214. As citações tomadas deste livro estarão atualizadas conforme edição citada.

Tortona permissão para enviar seus religiosos, mas foi negada. “...depois insistiu reiteradamente, de viva voz e por escrito, mas esbarrou contra a costumeira cautela do Bispo, sempre o temor de consentir num passo grande demais, superior às possibilidades concretas dos orionitas.”<sup>2</sup>



No fim de 1908, infelizmente, acontece o terremoto em Messina, para onde ocorreu Dom Orione e todas as atenções e cuidados dirigiram-se para este outro trabalho até o ano de 1912.

Já no segundo ano de trabalho apostólico em Messina, D. Orione escreve à M. Michel: “Desejaria conhecer todo o curso das coisas de lá e se há lugar ainda para os Filhos da Divina Providência. Dificuldades haverá sempre, mas não mais por parte de Bispos, pois o Santo Padre dará na sua caridade, quando ver o bem que aí se poderá fazer, todas as disposições para que sejamos facilitados in Domino...” (23.3.10).

Em 1913 devendo restituir 5.000 libras emprestadas, escreve à Madre Michel: “Oh se a Virgem a inspirasse a deixar a quantia para a expedição dos missionários ao Brasil! Iria também eu! Ou seria melhor enviar ainda Pe. Gatti?... Iria de boa vontade junto àquele santo Bispo...”.

## 2. No Brasil: as primeiras dificuldades

Somente em 1913 foram retomados os contatos com Dom Silvério. “...retomou-as o Pe. Francisco Del Gaudio, pároco de Mar de Espanha, convidando Mons. Capra, diretor das religiosas de Madre Michel, a insistir junto à Obra da Providência de Tortona. Mar de Espanha ficava na diocese de Mariana, e o Bispo D. Silvério reanimou-se com esta nova esperança, juntou a sua veemente recomendação, e Dom Orione... foi ter mais uma vez com Dom Bandi. A ocasião foi propícia: o Bispo deu o consentimento e a partida dos missionários foi fixada para 17 de dezembro de 1913. O fundador precisou as instruções mais condizentes com o espírito da Pequena Obra. Instruir, educar os jovens mais pobres e abandonados, exercer o sacerdócio em favor do povo mais necessitado.”<sup>3</sup>

<sup>2</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 216

<sup>3</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 216



Finalmente, são escolhidos os primeiros missionários. São eles: Pe. Carlos Dondero que era diretor em Sanremo, o Irmão Carlos Germano e o Sr. Julio<sup>4</sup>, copeiro no Instituto de Sanremo, sem compromisso.

E o dinheiro da passagem?

Papásogli conta um impressionante caso:

*"Não sabemos quanto rezou Orione e se macerou naqueles dias de preparação para aquele empreendimento de vulto. Sabia que dinheiro, era preciso encontrá-lo com a ajuda de Deus. Um dia, chegou inesperadamente a Reggio Calabria, ao Instituto São Próspero, à tardinha, e logo chamou o diretor, Pe. Enrique Contardi:*

*- Ouça, preciso duma quantia para custear a viagem dos nossos primeiros missionários ao Brasil, e você deve encontrá-lo para mim amanhã.*

*- Mas ... Senhor Diretor, a incumbência parece-me difícil. Em Reggio não saberei a quem recorrer, e fora de Reggio... A resposta caiu dentro dum silêncio desolador. Depois, Dom Orione disse vivamente:*

*- Por que não vai a Cassano jonio procurar as irmãs Pesce, que você conhece?*

*- ... Pobre de mim! Faz três dias que voltei de Cassano e o pouco que elas tinham, deram-mo para pagar a dívida que o senhor conhece...*

*- Ora, homem de pouca fé! Faça um grande sinal da cruz. Ave Maria e avante! Ou melhor, rezemos juntos uma Ave Maria à Senhora della Catena, protetora de Cassano, e ponha-se imediatamente a caminho. Eu o substituirei aqui em casa...*

*Pe. Contardi viajou a noite inteira, mas não dormiu: angustiava-o a convicção de estar viajando inutilmente. Chegou a Cassano ira manhã seguinte, foi procurar as senhoritas Pesce. Chamavam-se Filomena e Josefina, eram idosas e tinham beneficiado muito os órfãos da Pequena Obra. Mal viram o Pe. Contardi:*

*- Oh, Pe. Enrique, seja bem-vindo, é a Divina Providência que o envia..., -venha, venha, esteja à vontade.*

*E contaram: fazia vários anos, tinham emprestado uma vultosa quantia a um parente, o qual nunca mais cuidara de restituí-la; tanto que as duas boas criaturas haviam renunciado a ela ...*

*"Ontem à tarde, quando menos esperávamos, apareceu e nos devolveu tudo, até o último centavo, compreende? ... Depois que foi embora, ficamos considerando entre nós: que faremos com este dinheiro? Nós o daremos a obras de caridade. E concordamos. Mas ... a quem? Miséria existe por toda parte, quem escolheremos? E então pusemo-nos a discutir. Depois, fomos dormir. Durante a noite, entre sono e vigília, uma voz nos disse: 'Dêem-no a Dom Orione, que tem muita necessidade dele'. E ficamos de acordo, vamos dá-lo a Dom Orione. Mas como e onde encontrá-lo?... Como fazer para chegar a ele? E eis que agora, chega o Senhor. . . "*

*Pe. Contardi nada pôde responder: tinha lágrimas nos olhos e um nó na garganta. Mal conseguiu, foi ele quem contou e descreveu tudo: que Dom Orione chegara a Reggio, que o despachara para ali, que ele não tivera ânimo de apresentar-se ... E os três puseram-se a louvar a Deus.*

*Depois, o Pe. Contardi recebeu o dinheiro e disse:*

*- Vou partir logo.*

*- Descanse um pouco...*

*- Não, não, obrigado: o Diretor está à minha espera...*

*Desaparecera o cansaço que o oprimia, parecia estar saindo de um festim. Partiu, chegou a Reggio, Dom Orione o aguardava:*

*- Então, que tal?*

*- Bem, muitíssimo bem, graças a Deus...*

*- Eu não lhe tinha dito, homem de pouca fé?*

*Agradeceram a Deus na Capela de S. Próspero, depois Dom Orione partiu com o dinheiro: antes de despedir-se, disse ao Pe. Contardi:*

*- E você não queria ir! Ora, caríssimo, é preciso ter fé e recorrer sempre a Nossa Senhora. Ela nunca nos abandona!<sup>5</sup>*



Dom Orione envia os primeiros missionários ao Brasil: Sr. Júlio, Pe. Ângelo De Paoli, Pe. Carlos Dondero, Irmão Carlos Germano

<sup>4</sup> Sr. Julio, assalariado, permaneceu alguns meses e saiu definitivamente sem se saber mais notícias.

<sup>5</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pags. 217s.

Em 15 de dezembro de 1913 Dom Orione escreve algumas cartas de apresentação. Uma a seu sobrinho Eduino Orione que com sua esposa vivia no Rio de Janeiro e lhe recomenda vivamente os missionários (Eduino sempre se prodigou em auxiliar quanto pôde os orionitas); uma segunda ao Arcebispo de Mariana apresentando os missionários que irão tomar conta da casa de Mar de Espanha. Pede desculpa pelo atraso causado pelo terremoto que absorveu as energias da Congregação, mas agora repararia o tempo perdido; a terceira dirigida ao Vigário de Mar de Espanha, Pe. Francisco Del Gaudio: *"...também o S. Padre nos conhece e nos deu uma colônia agrícola e uma paróquia em Roma. Colocados estes, enviaremos outros... Espero ir breve eu também..."*.

Em 17 de dezembro de 1913, às 16 horas, os três saíram do porto de Genova no navio "Tomaso de Savoia" e desembarcou em Santos aos 29 do mesmo mês recebidos pelo Sr. Eduino Orione, sobrinho de D. Orione, que trabalhava no Rio de Janeiro

De trem dirigiram-se logo para MAR DE ESPANHA, Estado de Minas Gerais, onde chegaram no dia 2 de janeiro de 1914.

A tarefa era dirigir o **Instituto Barão de S. Geraldo**, comprometendo-se a construir e manter um novo estabelecimento de ensino primário e secundário. Lançaram-se sem demora à nova missão.

No mês de maio seguinte, Pe. Carlos Dondero vai visitar sua família que residia na Argentina e faz o casamento da irmã.

De volta, em 23 de junho, trouxe consigo os seus irmãos Emilio Dondero e José Dondero ao qual deu a batina em Buenos Aires



Pe. Ângelo de Paoli

e mais tarde se tornará religioso e sacerdote orionino. Emílio, ao contrário, permanece apenas algum tempo e depois volta para a Argentina.

*"A missão vai bem - escrevia D. Orione - mas temos necessidades de santos..."*.

Aos 22 de junho do mesmo ano de 1914 chega ao Brasil, enviado por D. Orione, Pe. Angelo De Paoli que tinha saído de Nápoles no dia 6 de junho no navio "Brasil", com Madre Michel, e se dirige logo a Mar de Espanha para auxiliar o Pe. Carlos Dondero. *"Desde então, o Pe. Paoli ficou sendo, durante longos anos, em nome de Dom Orione, o sustentáculo e conselheiro da Serva de Deus em terras brasileiras."*<sup>6</sup>

O entusiasmo e os grandes programas de Pe. Carlos Dondero no campo da instrução e da agricultura encheram-no de dívidas e consequentes problemas.



**Eduino Orione**

Filho de Giacomo, era sobrinho do Fundador. Nascera em Nizza – Monferrato aos 29.11.1882. Estudou em 1895 no Colégio Santa Clara e em 1898 foi transferido por Dom Orione para Turim, no Instituto S. Fogliano. Empregado em 1904 numa firma, veio para o Brasil como piloto e professor de pilotos. Casou-se com D. Beatriz em 1938. Morou no Rio de Janeiro e no Mato Grosso onde um seu irmão fundara a cidade de Guiratinga. Faleceu no Rio aos 15.10.1966. Recebera do Governo Italiano o título de "Cavaliere".

A primeira guerra mundial (1914-18) e o terremoto de Avezzano (1915) impediram que D. Orione pudesse acompanhar, como gostaria, a incipiente missão no estrangeiro.

Em 1914 Pe. Carlos Dondero inicia logo a escola e o fruto do ano letivo foi bom. Pensa transferir a sede do Instituto para dentro da cidade como é desejo dos professores, mas as possibilidades não o ajudaram. A um pedido do Arcebispo e sem a permissão de D. Orione, envia Pe. Ângelo de Paoli para lecionar no Colégio Patrocínio de São José das Três Ilhas.

Aos 27 de fevereiro de 1917, Pe. Ângelo de Paoli é enviado a Queluz (Conselheiro Lafaiete) como coadjutor do pároco Pe. Américo Taitson (tio do nosso Pe. Fernando Taitson) e diretor das Religiosas de Madre Michel.

Dom Orione continua se preparando para vir ao Brasil mas a viagem programada para o início de 1920 não lhe foi possível devido a uma enfermidade e consequente proibição dos médicos. Porém no dia 7 de janeiro de 1920, juntamente com Madre Michel, embarcam no Tomaso de Savoia dois sacerdotes orionitas: Pe. Francisco Casa e Pe. Gabriel Ballino.

Sabe-se que esta viagem foi cheia de dificuldades. Antes de chegar a Dakar, vários passageiros morreram no navio, vítimas da epidemia "espanhola". No Brasil, antes de desembarcar, precisaram parar na Ilha Grande para permanecerem no hospital (Lazareto) ou para uma quarentena. Finalmente puderam desembarcar no Rio de Janeiro no dia 10 de fevereiro. Pe. Ângelo de Paoli aguardava a chegada dos confrades no Rio.

Pouco tempo depois, Dom Orione pede ao Pe. Angelo que deixe Queluz e volte para Mar de Espanha podendo, vez por outra, dar assistência às Irmãs de Madre Michel.

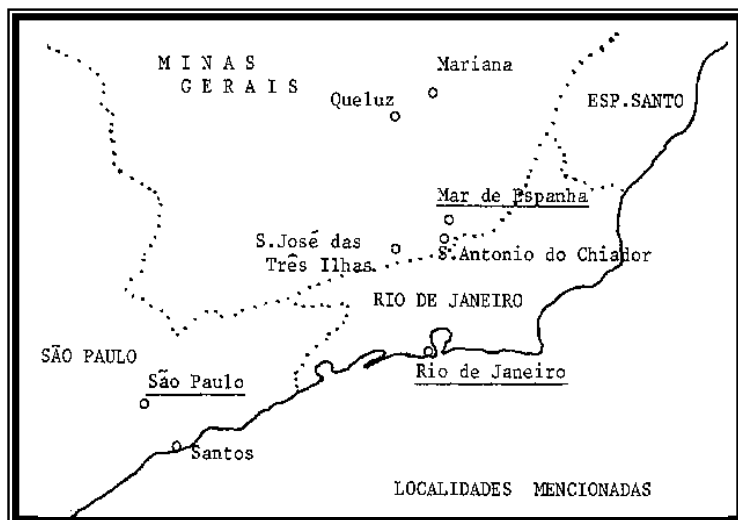
Dom Orione exorta continuamente a abrir em Mar de Espanha uma casa para órfãos pois se acham na cidade quatro sacerdotes e um clérigo!

Neste ínterim, Madre Michel escreve a Dom Orione informando que o Núncio Apostólico, Mons. Cortesi, oferece à

Pequena Obra uma casa para a Congregação no Rio de Janeiro. Dom Orione pede que Pe. Angelo de Paoli aceite a proposta. Trata-se da Casa de Preservação com 260 meninos menores e outras tantas meninas.

*“A oferta era importante. Dispor no coração da capital de um estabelecimento já conhecido, não significava pouco para uma Congregação religiosa estrangeira recém-chegada e, de per si, muito jovem. Dom Orione deu-se conta da importância de aceita-la.*

*Chegara pois a ‘sua’ hora. Era preciso que ele fosse lá, àquela terra distante que o Senhor lhe oferecia com insistência. Antes ainda de preparar-se pessoalmente, precisava predispor tudo em favor da Congregação durante a sua ausência.*



*Acerca deste ponto, não teve dúvidas. O Pe. Sterpi encarnava, como sabemos, o substituto ideal, e Dom Orione nada mais precisou fazer do que entregar-lhe simbólica e praticamente o carimbo da direção.”<sup>7</sup>*

A guerra, o difícil pós-guerra, doenças graves, necessidades e afazeres impediram Dom Orione de partir antes da Itália. Também as poucas notícias que os seus religiosos lhe enviavam contribuíram. Contudo sempre insistia com idéias claras: começar com pouco, não tomar compromissos acima das forças. Confirmados num lugar, embora modestamente (ministério religioso sempre tão procurado, aceitação de alguns órfãos e primeiras escolas, oratório, etc.) conduzir-se para implantar a Congregação em casa própria, contando com seus próprios braços, com o trabalho próprio, com os benfeitores que - trabalhando em prol dos órfãos - não poderiam faltar. Depois sim, os grandes planejamentos, de edifícios com escolas, artes e ofícios, mas sempre com meios próprios... Trabalhar, economizar; antes de iniciar ter a certeza da vitalidade da obra a criar: e sempre tendo como fim o verdadeiro bem das almas, as verdadeiras necessidades do lugar... sem se abandonar a veleidades e caprichos pessoais. E principalmente: uma grande caridade entre os confrades e para com os pobres...

### **3. Primeira Estada de Dom Orione no Brasil**

Aos 30 de julho de 1921 o Santo Padre Bento XV recebia em audiência particular Dom Orione; permitiu-lhe uma permanência na América por três meses (que mais tarde prolongou), confiou-lhe encargos e deu-lhe passaporte diplomático.

Antes de sua partida, Dom Orione celebra aos pés de Nossa Senhora da Divina Providência e envia uma circular (03.08.1921) designando Dom Sterpi como seu vigário durante sua ausência. Escrevera: *"Faz algumas horas, celebrei a última Missa aos pés de Nossa Senhora da Divina Providência, na casa de Tortona, e agora parto para o Brasil, aonde, faz alguns anos, já devia ter ido para rever os Filhos da Divina Providência que a mão do Senhor transplantou para lá. Mas não posso deixar-vos, ó meus caros irmãos em Jesus Cristo, sem vos dirigir ainda uma palavra de paternal afeto, sem enviar-vos um última saudação, uma benção especialíssima... Seja o nosso espírito um espírito generoso de humildade, fé, caridade; seja a nossa vida inteira entremeada de oração. Só com a caridade de Jesus Cristo o mundo se salvará! Devemos encher de caridade os sulcos que dividem os homens repletos de ódio e egoísmo. Ao partir deixou como substituto o Pe. Sterpi, a respeito do qual escreveu, na mesma circular: 'Se Deus me dissesse: Eu te quero dar um continuador que seja conforme ao teu coração, eu lhe responderia: Não é preciso, Senhor, porque já mo destes na pessoa do Pe. Sterpi.'"*<sup>8</sup>

No dia 4 de agosto, no navio "Príncipe di Udine" em companhia de Pe. Mario Ghiglione e Pe. Camilo Secco embarca em Genova rumo ao Brasil.

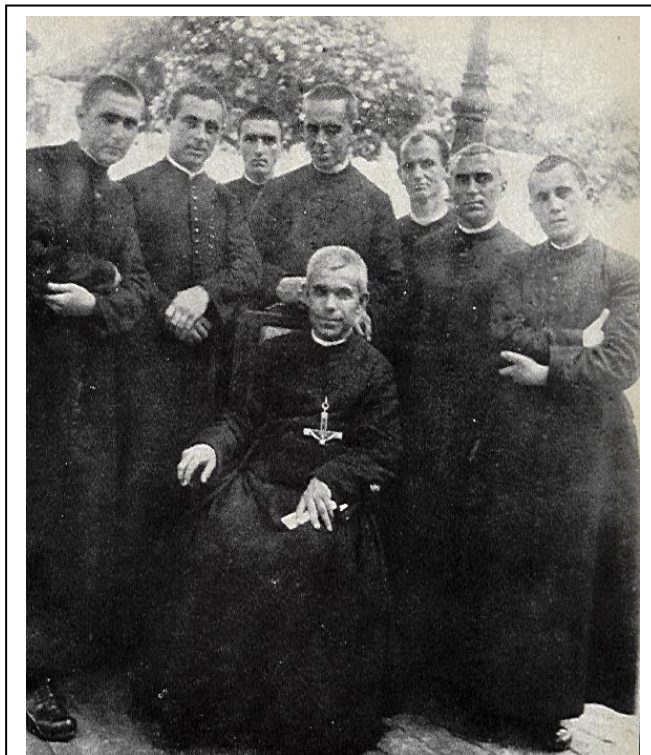
---

<sup>7</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 284.

<sup>8</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 285.



A travessia foi boa, a não ser no golfo do Leão onde todos sofreram com o mar agitado, especialmente Pe. Camilo Secco. Desceram em Barcelona. Dom Orione relata, através de cartas, muitas consolações e graças recebidas no decorrer da viagem. Aos 19 de agosto escreve a Dom Sterpi que está avistando o Brasil mas somente no dia seguinte, 20 de agosto, aniversário da morte de Pio X, poderão descer. No entanto celebram e rezam o *Te Deum* de agradecimento. Enquanto permanecem no navio fundeado, para as formalidades, contempla a cidade: "O porto do Rio é um encanto; vastíssimo", e o aprecia de tarde, de noite e de dia, e reza por todos. Pela manhã se levanta cedinho, celebra, reza o ofício divino inteiro...(Quem



**Rio de Janeiro – Casa da Preservação, Dezembro de 1921.**  
Cl. Bruno Menegoni, Pe. Angelo de Paoli, Cl. José Dondero, Cl. Nicodemos Gonzalez. Cl. Stanislau Basketz. Pe. Mario

sabe o que o aguardará durante o dia!) e todas as práticas de piedade. Às 10 horas o navio está parado e fora do cais. Ao desembarcar é recebido por Pe. Ângelo de Paoli e por seu sobrinho Sr. Eduino que leva todos para o seu escritório. A recepção é cordialíssima; a alfândega não exige nada. Chega também Pe. Carlos Dondero que fica um dia e volta para Mar de Espanha levando consigo Pe. Mario Ghiglione e Pe. Camilo Secco. Dom Orione permanece no Rio de Janeiro para tratar da Casa de Preservação; visita o Núncio, Mons. Gasparri, e almoça com ele. Visita, juntamente com Pe. Ângelo, o Cardeal Albuquerque, já acamado, que aprova o Instituto de Preservação e promete apoio, depois visita também o Bispo Auxiliar, Dom Leme.

*“No centro daquele fervor estava a ‘Casa de Preservação’ do Rio de Janeiro, pela qual*

*todos se interessavam, desde o Cardeal até ao Auxiliar, e também o Doutor Nabuco, amigo do Presidente da República, que Dom Orione visitou logo naqueles primeiros dias.”<sup>9</sup>*

Com 30 contos far-se-á uma modesta capela que agora não existe. Darão plena liberdade de administração e educação cristã. Parece que em um mês tudo estará pronto. Estes são os meninos mais em perigo e abandonados do Rio; e Dom Orione afirma: *"No Brasil não procuro ouro, mas seus filhos mais pobres e mais necessitados de Deus."*

No momento da saída da Itália, um conto brasileiro valia, mais ou menos, 3.000 libras italianas. Dom Orione possuía 3.000 libras, mas deixou 600 à casa de Genova (Quezzi) que estava necessitada; 600 foram para despesas de viagem e 500 em gorjetas. Na primeira semana do Rio teve despesas não indiferentes e Pe. Angelo que vinha de Mar de Espanha não tinha dinheiro para voltar. Pedia empréstimos a Eduino Orione o que desagradou Dom Orione. Ele estava disposto a enfrentar tudo, pois "tinha confiança na Providência".

No dia seguinte à chegada, domingo, Dom Orione celebra sua primeira missa no Brasil no orfanato das Irmãs da Madre Michel, no Catumbi. Continua hóspede dos Padres de La Salette e repousa estendido no

chão para implorar a bênção de Deus. Fez voto a Nossa Senhora de entronizá-la em todas as fundações que se abrissem.

No dia 26 parte para Mar de Espanha com Pe. Ângelo de Paoli e chega dois dias depois. A chegada foi cordial. O Prefeito e outras autoridades recepcionaram-no na estação e chegaram os confrades com duas charretes. A estação dista três minutos da cidade que tem 2.500 habitantes e é bonita... "Vamos às capelas a cavalo, no domingo. Temos seis ou sete cavalos. Nosso terreno é de 216 hectares, montanhoso e com bosque...". Escreve à Itália e pede a D. Sterpi que envie quatro clérigos para lecionarem: "Estudem o português durante a viagem, venham em 3ª classe e em traje civil".

*“Orione esclarecia e fixava as próprias linhas mestras: numa primeira etapa, limitar-se às cidades grandes: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos. Num segundo período, lançar-se para o interior, mal estivessem criados noviciados e houvesse garantia de um desenvolvimento autóctone da Congregação.”*<sup>10</sup>

Estava aguardando a volta do Arcebispo de Mariana, D. Silvério, de sua visita pastoral no interior e logo que chegou, encontrou-se com aquele santo pastor. Logo após dirige-se a São Paulo (6 de outubro). Teve aí três audiências com o Sr. Arcebispo Dom Duarte que o recebeu bem e lhe ofereceu uma paróquia no Braz, comunidade de 100 mil habitantes, na maioria italianos, e a assistência religiosa das Irmãs de Madre Michel.

Pretende Dom Orione aceitar a paróquia e convida Pe. Zanolchi a dirigi-la. Aos 13 de outubro de 1921 escreve a D. Duarte aceitando a paróquia com a intenção de ocupar-se também de órfãos e meninos abandonados.

No Rio de Janeiro, no dia 1º de outubro a Casa da Preservação já pertence à Congregação, mas será aberta oficialmente só no dia 15. Dom Orione pretende abrir no Rio mais uma casa para padres idosos; seria nossa, pois uma benfeitora daria 40 contos. Escreve a D. Sterpi: "Vou aceitar a casa do Rio, ainda que não



Rio de Janeiro – Casa de Preservação  
15 de outubro de 1921 – Dom Leme e autoridades

façam a capela; fá-la-ei num dormitório e Jesus entrará igualmente conosco. É um belo instituto no centro do Rio, perto da estação, com 260 meninos órfãos; mais de 50 são filhos de imigrantes italianos. Querem que instale logo uma tipografia. Enviei-me já o pessoal pedido... Está situada à R. Francisco Eugênio, 228..."

Em Mar de Espanha, onde ele se achava com Pe. Dondero, pároco, e os Pe. Camilo e Pe. Casa e Pe. Gabriel para o instituto, aos 26 de setembro, após um retiro espiritual, celebrou-se a despedida de Pe. Ângelo De Paoli, Pe. Mário Ghiglione e Cl. José Dondero, que

se transferiam para o Rio.

Aos 15 de outubro de 1921, embora Dom Orione se encontrasse em Mar de Espanha, foi aberto o INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO PARA MENORES no Rio de Janeiro, sob a direção de Pe. Ângelo de Paoli. Quatro dias depois se tornará também residência oficial de Dom Orione.

<sup>9</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 287.

<sup>10</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 288.

Em 31 do mesmo mês, a Casa recebeu a ilustre visita do Núncio Mons. Gasparri e do Bispo Auxiliar Dom Leme estando presente D. Orione, recebidos pela banda dos meninos tocando o hino pontifício.

No dia 6 de novembro, no Rio, teve uma visão de Nossa Senhora: era Ela quem queria as obras. Escreveu isso confidencialmente a D. Sterpi que porém a publicou numa circular, o que desagradou ao Fundador. Insistia com ele que enviasse reforços, "preciso de santos" repetia e, ainda mais, chega da Nunciatura de Buenos Aires um pedido para uma visita à Argentina onde lhe teriam oferecido uma casa em La Plata e outra na capital. A insistência fez com que a 8 de novembro Dom Orione partisse para lá. Recebeu neste tempo o Instituto Marcos Paz com 700 alunos e a Paróquia de Victória.

Pe. Gabriel Ballino, no entanto, em Mar de Espanha, por desentendimentos, deixa a Congregação e se incardina na Arquidiocese de Mariana.

Finalmente, enviadas por Dom Sterpi, no dia 18 de novembro, chegam novas forças da Itália; são os clérigos pedidos por D. Orione: Francisco Arlotti, Stanislao Basketz, Nicodemos Gonzalez e Bruno Menegoni. Foram recebidos por Pe. Angelo.

No dia 5 de dezembro Dom Orione volta da Argentina. Recebe várias ofertas de casas em Santos, mas pede três anos de tempo.

*“Dom Orione teve, por um instante, a impressão de poder respirar. As coisas assentavam-se, chegara algum reforço, as Autoridades Eclesiásticas aprovavam, as portas do Rio de Janeiro e de São Paulo estavam abertas, em Santos era possível entrar a qualquer momento.”*<sup>11</sup>

Passa o Natal em Mar de Espanha, depois adoece e é obrigado à inatividade (já sofrera várias vezes de coração e agora eram os rins que o impediam de andar). Escreve: *"Estive algumas noites quase à morte; agora estou passando bem. DEUS ME LEVA A FAZER O QUE FAÇO, apesar de encontrar tantas dificuldades e as sinto muito. É Nossa Senhora que me conduz a FAZER OBRAS NÃO MINHAS..."* (01.01.1922). Isto explica como um homem que sofre tanto de coração, que recomenda a alma a Deus na noite pois lhe parecia ter chegado sua última hora, que sofre de rins até ser impedido de caminhar, vá se arrastando e realizando obras que, em verdade, parecem trazer o selo divino, pela eficácia da palavra, pelas intervenções providenciais, pela confiança demonstrada ao Fundador em toda parte. Não procurava a si mesmo, mas a vontade de Deus e nada podia detê-lo, uma vez que a tivesse conhecida.

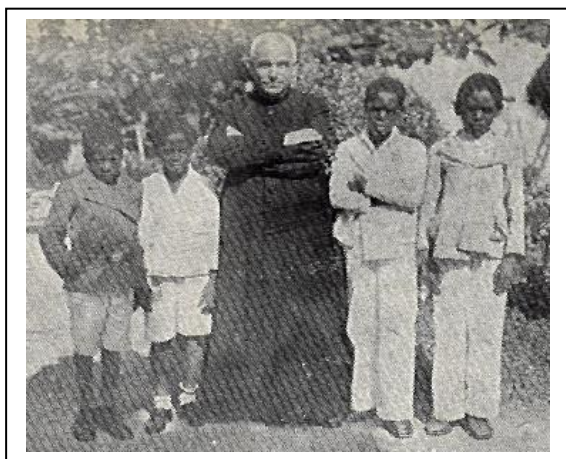
Teve que ficar de cama. *“O médico falou em brônquios, pulmões, unções e pomadas a serem aplicadas nas costas para remediar o interior. Desta última incumbência encarregou-se o Pe. Camillo Secco, homem robustíssimo e antes rude, um senhor enfermeiro que teria logrado curar um... dromedário. Foi o início de uma espécie de martírio, muitíssimo bem aceito pelo paciente. De resto, o Pe. Secco era no fundo excelente pessoa, só que o seu segredo consistia em não ligar muito para cerimônias. ‘Eu tinha as costas em brasa... e o Pe. Camillo, com sua manoplas grossas e rústicas, encarregava-se de fazer-me as fricções todas as tardes... Durante a guerra, este meu suave enfermeiro esteve a serviço de um veterinário e aprendeu a tratar os pacientes com mão firme. Enquanto isto, eu tentava alinhar umas idéias para uma pratineta às freiras de Madre Michel, ao passo que minhas costas pareciam arder em chamas ... Mas eu percebi que ele, pobre Pe. Camillo, assim procedia até por devoção, e quando me escapava algum suspiro,*

---

<sup>11</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 290.

confortava-me dizendo: 'Coragem, que um demônio expulsa o outro, e eu entendo de enfermagem, aprendi quando era soldado! E, ao calor daquele fogo, ia saindo a pregação às freiras. . ."

Quicá precisamente por causa de um tal tratamento, a saúde logo se lhe restabeleceu. Entrementes, o seu pensamento se precisava cada vez mais claramente: convinha criar duas famílias religiosas, uma de homens, outra de mulheres, "constituídas unicamente de pessoas de cor. . ." como "ramos de uma só planta" ... ; elas "se alimentariam do espírito que animava a Congregação da Divina Providência, haurindo dela as diretrizes para o governo e a vida, ficando-lhe estreitamente unidas".



Esta idéia respondia a uma exigência que sempre mais se patenteava no seio da Igreja, ou seja, propiciar às populações de cor e a todos os países de igual estirpe, sacerdotes, párocos, bispos próprios. Era um movimento que se inspirava nas missões, cujo escopo era converter; que recorriam às escolas para educar e depois, aos seminários para preparar, selecionar. A sublime tarefa da Igreja aparecia nitidamente neste itinerário das almas que se iniciavam na fé.

Dom Orione foi um dos primeiros a compreender o grande problema e adotar suas audaciosas soluções. Por volta dos anos vinte deste século, muita gente ainda pensava que não fosse factível recrutar sacerdotes de povos primitivos: "A dignidade e a responsabilidade levíticas requeriam uma preparação demorada, não só do indivíduo, mas também do ambiente"; este era, de certa forma, o pivô da discriminação racial que tantos sofrimentos causou na história dos homens ...

Para Luís Orione, a perspectiva era bem diferente: almas e mais almas, livres ao sopro da graça, livres dentro do anélito de Deus. Por que preocupar-se com leis étnicas que se desfazem como flocos de algodão sob a poderosa afirmação da pessoa humana valorizada, alimentada pela graça? Na verdade, ele não excluía uma cautela especial relativamente ao "indivíduo" escolhido, mas não relegava os santos e válidos a uma incapacidade fatal devido à cor da pele.

Ninguém mais do que o Bispo D. Silvério, de raça negra e, não obstante, grande prelado, podia apreciar e gostar de um tal critério.

Ele fizera da ascensão espiritual da sua gente o escopo eminente da própria vida, e apreciava todo o desenvolvimento do pensamento de Dom Orione quando escrevia: "As duas famílias religiosas de cor, conformando-se com as leis canônicas nas regras e na vida, deveriam ser foco de preparação de um clero e de religiosos inteiramente empenhados em suscitar e desenvolver vocações de cor, dedicando-se à educação da juventude negra mais pobre: os missionários negros assim formados deveriam levar a sua palavra e ação evangélica à África: lá de onde os nossos queridos pretos foram arrastados à escravidão, para lá também voltem a levar a liberdade dos filhos de Deus. E este continente, que até agora ficou refratário aos missionários brancos, venha a ser conquistado para a Cruz pela pregação, os sacrifícios, o sangue de missionários negros".

Admirável indenização!

*"Eis - continuava Dom Orione - que, os negros do Brasil, outrora barbaramente arrebatados à África e ainda hoje vítimas de preconceitos anticristãos e anti-sociais, e de uma injustiça social que os oprime há séculos, partirão para uma nova Cruzada, e Deus os conduzirá, o Deus onipotente que escolhe os fracos para confundir os fortes, e aquilo que é nada aos olhos do mundo para humilhar a soberba deste século.*

*E então a África receberá Jesus Cristo e conservará a civilização dos próprios filhos dos africanos.*

*E isto será obra do Senhor. E será também uma grande glória realizar o que poderosas nações cristãs e políticas não souberam e não quiseram realizar."*<sup>12</sup>

Um programa tão promissor e tão desejado, não pode ser realizado por Dom Orione.

Em São Paulo, onde esteve ainda de 5 a 15 de dezembro, além da paróquia que havia aceitado no Braz (que porém não se realizou), o Sr. José Vicente de Azevedo oferecia-lhe uma quadra no Ipiranga, para um orfanato dedicado a S. José com artes e ofícios. Era pouco atrás do monumento. Tanto o desejara Dom Orione mas o Sr. Arcebispo não concordou; e as práticas se prolongaram com aquele benfeitor por vários anos ainda.

A 2 de Janeiro de 1922, Pe. Mario Ghiglione é nomeado pároco de Mar de Espanha e ficará até o fechamento da casa, pois Pe. Carlos Dondero se afastara primeiramente para Santo Antonio do Chiador e depois para S. José das Três Ilhas como pároco e diretor de um patronato.

*"Em 15 de janeiro, partia de Gênova mais um grupo composto de cinco orionitas dos mais prestimosos: os Padres Zanocchi, Enrico Contardi, Giuseppe Montagna, Carlos Alferano e o clérigo Francisco Castagnetti; chegaram em 1º de fevereiro e foram recebidos no cais do porto do Rio de Janeiro por Dom Orione. Efetuou-se então uma troca: Dom Orione embarcou no navio em lugar do Pe. Alferano, que desembarcou e rumou para São Paulo, a cuja casa estava destinado. Quanto ao fundador, seguiu de volta à Argentina, a fim de acompanhar os recém-chegados até as obras ali instituídas: a igreja de Vitória, com a escola de "artes e ofícios" anexa, e uma casa de recuperação em Marcos Paz. Com ele foi também, para lá ficar, o Clérigo José Dondero."*<sup>13</sup>



Pe. Mário Ghiglione

Nesse tempo Dom Orione ocupou-se na tentativa delicada de procurar a reconciliação interna entre comunidades da Madre Michel: as comunidades de São Paulo tinham-se separado das demais. Dom Orione teve modo de revelar-se paterno e mestre de humildade, conselheiro e pacificador, apesar de a situação não se ter modificado.

*"Durante os três meses passados na Argentina, ocupou-se de contínuo dos seus filhos deixados no Brasil. Com muito acerto se disse que, de dia, trabalhava na Argentina e, de noite, no Brasil mediante a pena. No silêncio e recolhimento, aprofundava os temas de maior urgência, isto é, a vivência plena, regular da vida religiosa naquelas casas, e um sadio equilíbrio no tratamento, no horário, nos exercícios espirituais.*

<sup>12</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 295-297.

<sup>13</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pag. 297



*Grande relevo merecia o tema da educação, pois era preciso harmonizar exigências de ambientes diversíssimos e diferenças de origens raciais. Esta temática seria retomada na magistral circular de 1922 sobre a educação, que com razão se chamou ‘magna carta’ do sistema pedagógico orionita.”<sup>14</sup>*

Apressava-se o tempo de voltar à Itália. Estabelece (19.03.1922) Pe. Zanolchi superior, na ausência dele, de todas as casas da América (Ele era Conselheiro Geral) e Pe. Montagna, secretário. Aceitou as casas de Mar del Plata, Mercedes e Avellaneda.

A 15 de maio, desembarca de volta, a Santos, passa por São Paulo e Rio; aqui é convidado a almoçar com Dom Leme. Teve um último contato com Dom Duarte, no Rio, sobre a Congregação de Madre Michel.

A partir de 3 de fevereiro de 1922, a pedido de D. Orione, o Pe. Francisco Casa se transferiu de Mar de Espanha para SÃO PAULO, hóspede - como Dom Orione - dos Padres Scalabrinianos da Igreja de Santo Antonio na Rua Direita (hoje, Praça Patriarca) com o amigo Pe. Faustino Consonni e depois na Penha com os Padres Redentoristas, auxiliando na paróquia do Belém e atendendo ao hospital italiano. Não tinha casa própria e aguardava determinações do Sr. Arcebispo.

Escreve ao Bispo de Tortona: *"O Santo padre, na sua última audiência, ao abençoar-me, disse que ficasse fora três meses, mas depois esse tempo foi prolongado... Mas voltarei logo, sendo Deus servido, como eu também desejo, agora que as coisas no Brasil estão encaminhadas, e bem encaminhadas, com a ajuda de Nosso Senhor... Trabalha-se e espera-se muito do futuro. No Brasil, lancei-me à faina de recolher garotos de rua, e como são numerosos! E quantos filhos de italianos, pobres meninos, tão inteligentes, de tão bom coração e tão abandonados!..."*

*Em 18 de junho, embarcou no 'Re Vittorio Emanuele III', e durante a travessia compôs a circular Quam Bonum..., verdadeiro hino à caridade: 'Quanto anelo cantá-lo, este cântico divino da caridade, mas para cantá-lo não quero esperar minha entrada no paraíso. Pela tua infinita misericórdia suplico-te, Senhor, Pai e Mestre da minha alma, que me concedas principiar este cântico desde este mundo. Aqui, ó Senhor, desta amplidão de água e céu, deste Atlântico que me fala do teu poder e da tua bondade...' <sup>15</sup>*

Estava apressado para rever Dom Quadrotta que se achava no leito de morte; levava consigo 12.000 liras. Fez muito apostolado no navio até ao desembarque, em Genova, aos 4 de julho de 1922. Onze dias depois é recebido em audiência particular pelo novo Papa, Pio XI.

---

<sup>14</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pag. 297

<sup>15</sup> PAPASOGLI. Op. Cit. Pág. 298.

## **Chegada e Saída dos Missionários**

<b><i>Chegada</i></b>	<b><i>Nome</i></b>	<b><i>Saída</i></b>
<b>1914</b>	<i>Pe. Carlos Dondero</i>	1922 (+1927)
	<i>Ir. Carlos Germano</i>	1914
	<i>Sr. Júlio</i>	1914
	<i>Cl. José Dondero</i>	Transf. 1921
	<i>Pe. Ângelo De Paoli</i>	Transf. 1946
<b>1920</b>	<i>Pe. Francisco Casa</i>	Transf. 1925
	<i>Pe. Gabriel Ballino</i>	1921
<b>1921</b>	<i>Dom Luiz Orione</i>	1922
	<i>Pe. Mário Ghiglione</i>	+ 1953
	<i>Pe. Camilo Secco</i>	Transf. 1929
	<i>Cl. Francisco Arlotti</i>	+ 1946
	<i>Cl. Stanislao Basketz</i>	1922
	<i>Cl. Nicodemo Gonzalez</i>	1922
	<i>Cl. Bruno Menegoni</i>	Transf. 1928
<b>1922</b>	<i>Pe. Carlos Alferano</i>	Transf. 1947

## **Obras e pessoal no final de 1922**

<b>Mar de Espanha, MG</b>	<b>Rio – Casa de Preservação</b>	<b>São Paulo</b>
<b>Pe. Mário Ghiglione</b>	<b>Pe. Angelo de Paoli</b>	<b>Pe. Francisco Casa</b>
<b>Pe. Camilo Secco</b>	<b>Pe. Carlos Alferano</b>	
<b>Cl. Bruno Menegoni</b>	<b>Cl. Francisco Arlotti</b>	

## Anexo:

# Itinerário Carismático Orionino no Brasil de 1 a 10 de julho de 1997

O Encontro em Valença de 1 a 5 de julho e o itinerário percorrido de 6 a 10 viram vinte religiosos filhos da Divina Providência, oito religiosas das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, duas consagradas leigas do Instituto Secular Orionita, uma do Instituto Secular Maria de Nazaré e um casal Oblato unidos e reunidos para aprofundar no estudo do carisma de Dom Orione seguindo o texto recém publicado “Nos passos de Dom Orione” e para percorrer, como peregrinos e como estudiosos, os lugares tocados pelos pés do fundador na nossa terra brasileira.

A assessoria ficou por conta dos Conselheiros Gerais, Pe. Flávio Peloso e Ir. Priscila e os temas eram apresentados de forma dinâmica, criativa pelos próprios participantes.

No dia 6, quando o sol ainda dormia saímos de Valença com destino a Mar de Espanha (MG), o berço de nossa Congregação no Brasil. Era Domingo e o pároco, Pe. Wilson Rogério, quis incluir no programa de nossa visita a missa com o povo. No final da concelebração ouvimos emocionados a Dona Maria da Conceição Esteves de Castro (nascida aos 02 de fevereiro de 1905) que jovem conheceu Dom Orione em ação pastoral na sua cidade de Mar de Espanha. A Dona Maria da Conceição é filha do mestre de obras da construção da Igreja, hoje Santuário de Nossa Senhora das Mercês.

Pe. Wilson entregou de lembrança um quadro ampliado da cidade de Mar de Espanha que troneja na nossa Sede Provincial. As palavras de agradecimento proferidas por uma senhora se encontram em anexo.

A comunidade se preparou para acolher-nos com a merenda e o almoço.

Depois da visita ao Horto Florestal que funciona no local onde foi nossa obra seguimos para Conselheiro Lafaiete (MG), cidade freqüentada por Dom Orione na sua passagem em direção a Mariana. O fundador parava, seja para repousar e seja para visitar as Pequenas Irmãs da Divina Providência (Irmãs da Madre Teresa Grillo Michel). É todo um capítulo à parte o relacionamento de Dom Orione com esta santa, também fundadora que iniciou sua obra em Alessandria próxima de Tortona. Madre Michel tinha Dom Orione como seu diretor espiritual e por um período ele foi diretor da nascente Congregação. A Madre Michel vai ser a voz convincente para Dom Orione enviar seus religiosos e depois vir pessoalmente ao Brasil.

Através do Diário da casa soubemos que o fundador passou por Queluz, hoje Conselheiro Lafaiete, no dia 1º de outubro de 1921, um Sábado e depois seguiu para Mariana. Encontramos novamente Dom Orione em Queluz no dia 11 de janeiro de 1922 e finalmente entre os dias 4 e 7 de junho de 1922, antes de voltar à Itália.

O Pe. Angelo de Paoli é muito lembrado até mesmo nos documentos. Tivemos em mãos a provisão que ele recebeu do Arcebispo de Mariana para ser Vigário Paroquial em Queluz.

A noite ia adiantada quando deixamos Lafaiete para Ouro Preto, parada estratégica para jante e pernoite. Aqui fomos acolhidos pela grande devota de Dom Orione e benfeitora da Pequena Obra, Dona Ana Pimenta. No ingresso da sua Pousada uma Capelinha em honra do Fundador e os que passam pela rua podem ver o quadro do Beato e perseguir-se.

Nenhum documento comprova a passagem de Dom Orione pela cidade, mas pode-se intuir que tenha acontecido pela importância histórica da cidade e passagem obrigatória para quem se dirige a Mariana. Durante o jantar, que posso definir de gala, o Prefeito saudou os itinerantes.

No dia 7 após o café da manhã percorremos apenas 12 km e chegamos em Mariana indo direto para o Seminário Maior onde fomos acolhidos calorosa e paternalmente por Dom Luciano e pelo reitor. A concelebração presidida pelo sr. Arcebispo foi o momento alto da visita com a presença de Dom Orione nos relatos de seu relacionamento epistola e pessoal com o arcebispo Dom Silvério Gomes Pimenta. Dois grandes homens da Igreja, dois santos que marcaram a história da Igreja no Brasil deste século.

O almoço foi no refeitório em comum com os padres do prebitério marianense que iam chegando para o retiro espiritual que seria aberto naquela tarde.

Com oito horas de viagem fomos dormir naquele mesmo dia na casa do Jardim Botânico, Rio de Janeiro.

No dia 8 o programa foi intenso entre Rio e Niterói.

A primeira visita foi no Catumbi onde fomos acolhidos pelos padres Saletinos que também acolheram Dom Orione na sua primeira visita ao Brasil. O Santuário da Salete não está distante do nosso Santuário de Fátima que também visitamos. Sempre no Catumbi visitamos a casa das Irmãs da Divina Providência, onde fomos acolhidos pela Provincial. No Diário da Casa – que até fotocopiamos algumas páginas – consta que “neste ano (1921), chega ao Brasil o Revmo. Dom Luiz Orione, vindo da Itália, segue para São Paulo, ficando lá vários meses e, voltando a Minas, manda Irmã Eurosia Gazzi e Irmã Ambrosina Bonfiglio, para auxiliarem na casa de São Paulo.

Na data de 12 de abril de 1937, lê-se: “O Revmo. Pe. Dom Luiz Orione, Fundador dos Padres da Divina Providência, visita o Noviciado São José, onde celebra a Santa Missa e faz uma bela conferência sobre as virtudes da Revma. Sra. Madre Fundadora; diz algo do espírito de sua obra e do espírito que deve animar as verdadeiras Pequenas Irmãs da Divina Providência.

A Secretária da casa foi tão precisa que registrou no dia 12 de março de 1940:

“Faleceu, na Europa, o Revmo. Pe. Dom Luiz Orione, Fundador da Congregação dos Padres da Divina Providência.

O fundador passou pelo Rio de Janeiro no dia 6 de outubro de 1934 em viagem, no “Conte Grande”, para a Argentina onde estava para acontecer o Congresso Eucarístico Internacional.

*“D. Luiz Orione conheceu o Arcebispo de Mariana, o santo e sábio D. Silvério Gomes Pimenta, na Europa. Haviam de se ter compreendido aquelas duas almas eleitas em que a virtude da humildade resplandecia entre as demais. Não será fantasia imaginar o pastor de Mariana, ao apreciar a obra nascente de D. Orione, a convidá-lo, e com insistência, a estender os benefícios de sua atividade até as terras do Brasil, e traçar o quadro de sua Pátria, onde a vinha do Senhor apresenta tão vastas proporções, e tão minguado é o número de operários. A história não registra em que data se encontraram na Itália; sabemos que foi antes da grande guerra de 1914. O certo é que, vindo ao Brasil pela primeira vez, em 1921, D. Orione depois de fazer um retiro de quarenta dias em Mar d’Hespanha, se dirigiu a Mariana. Desejava conhecer o país de que ouvia notícias fabulosas. E do Brasil, especialmente precisava conhecer S. Paulo, a cidade e o Estado de que tanto se falava na Itália, onde se haviam localizado centenas de milhares de italianos.*

*Nas longas e tranqüilas conversações que mantiveram, D. Orione revelando os seus projetos e D. Silvério manifestando os seus anseios, - o santo Bispo de quem se dissera - niger, sed sapiens (talvez parodiando o que o Velho Testamento registra a respeito da rainha de Sabá - nigra sed pulcra) pedia e tornava a pedir que a primeira obra da Divina Providência no Brasil se estabelecesse em sua diocese.”*

(Livro: Conde José Vicente de Azevedo, Sua vida e sua obra – São Paulo – 1990)

No dia 27 de março de 1937, Sábado santo, desembarca novamente no Rio de Janeiro e é acolhido na sua Casa da Gávea. No dia seguinte celebra no pátio do Instituto uma missa campal para os alunos internos e externos muitos amigos e fiéis frequentadores da capela.

Aos 11 de abril de 1937 é recebido pelo Cardeal Leme e, entre outros assuntos, pede autorização para abrir no Rio um Santuário a Nossa Senhora de Fátima. Dez anos depois o Santuário na Rua Riachuelo é abençoado.

No dia 17 de abril dá a batina ao seminarista Antônio Pagliaro e dois dias depois recebe o Cardeal Sebastião Leme no Instituto que vem homenageá-lo e despedir-se dele.

Volta ainda na Argentina e em agosto – sempre em 1937 – aproveita a parada de três dias do navio para rever os filhos, visitar as autoridades eclesásticas ficando hospedado ainda na Casa da Gávea.

Na manhã do dia 11 de agosto vai ao corcovado onde pronuncia a famosa frase de amor e compromisso com o Brasil e na parte da tarde o embarque definitivo para a Itália.

### Agradecimento

*Hoje, “por Mar de Espanha navegar e viajar nos sentimentos deste Chão”, aqui está o marulhar suave das ondas de outrora que foram marcos, passos, caminhos, benfeitorias de um sacerdócio – “Dom Orione” – que neste chão encontrou abrigo e se fez habitante, nesta terra Mar de Espanha, aportou-se e fez breve morada. Sim, morada de meses talvez, mas que deixou algo intenso no tempo, e que, no decorrer dos anos, enfrentou com sua marca notável, a fúria das ondas, que seguida de uma calmaria, surge a singular história na vida da Igreja que, hoje especialmente, mexe com a emoção de nossa querida Mar de Espanha!*

*Mar de Espanha, sente-se honrada por estar sendo o berço histórico de Dom Orione, sente-se feliz em saber que aqui, no mesmo porto, com as mesmas ondas e os mesmos sentimentos, a comunidade cristã é capaz, é privilegiada em receber como presentes os “Padres Orionitas” – que fizeram o mesmo trajeto de Dom Orione para que a sua história seja resgatada, voltando assim às origens e mostrando o seu grande valor enquanto missão, sacerdócio, fé.*

*Mar de Espanha, sente-se enaltecida com a concelebração de “Padres Orionitas” que junto ao nosso Pároco Wilson Rogério Campos Delgado revivem a “Ceia do Senhor com a Santa Eucaristia, tornando o Santuário de Nossa Senhora das Mercês mais uma vez o Santuário cheio de graça... Graça que com certeza transborda e envolve a toda comunidade fiel e presente nesta Festa da Vida, Festa do Marco Histórico!*

*E como filha da terra, que ama este porto, que acolhe quem chega e agradece a quem sobre o seu mar um dia navegou, eu me pronuncio, enfatizando versos de um poema composto em homenagem a Mar de Espanha e que sussurra aos meus ouvidos e coração a beleza significativa em que diz:*

<i>“Viajar...</i>	<i>Terra, sonho, Alma e Canção</i>
<i>Por Mar de Espanha</i>	<i>Navegar...</i>
<i>No procurar os meus sentidos</i>	<i>E sentir</i>
<i>No trilhar das emoções...</i>	<i>Renascer...</i>
<i>Terra, Sonho, Alma e Canção</i>	<i>Por Mar de Espanha</i>
<i>Navegar,</i>	<i>E viajar nos sentimentos deste Chão”</i>

*E revestida nos sentimentos deste “Chão”, a Comunidade de Mar de Espanha os aplaudem com uma admiração enorme e sente-se imensamente grata aos “Padres Orionitas” que notavelmente a visita..., elevando com primor o porto... à terra... o mar.... o Mar de Espanha que numa brisa suave tenta lhes dizer:*

- *Sejam bem vindos! Voltem sempre!*
  - *Retornem com a luz do Espírito Santo e as bênçãos da Mãe Querida das Mercês; sigam em frente no lindo trajeto histórico de Dom Orione, que deixou-nos como testemunho forte, a Fé!*
- Receba Pe. Flávio Peloso, Conselheiro Geral, e Religiosos, por gentileza, na simplicidade da lembrança, a espontaneidade de um povo que sente-se valorizado pelo evento histórico, que engrandece culturalmente a nossa pequenina, mas bastante acolhedora Mar de Espanha!*
- Recebam a nossa admiração profunda!...*



## **Homilia de Dom Luciano na concelebração do Itinerário em Mariana – 07/071997**

### **“O Carisma de Dom Orione é um grande milagre da Igreja”**

*Nós temos uma atração de estar onde alguém santificou-se, que também foi instrumento de santificação, quando se trata de um fundador, que é como um pai, então a atração se torna muito mais forte na espiritualidade, no carisma. Como um filho Jesuíta fui onde Santo Inácio viveu, sofreu, escreveu, eu morava na casa onde muitos anos ele morou. Todos os dias de manhã eu ia rezar no quarto transformado em capelinha, onde ele viveu e morreu, quarto pequenino, mas eu quero dizer que a gente entende muito bem o sentido espiritual, ou melhor ainda, o carinho espiritual por estas pessoas que nós não só admiramos, mas reconhecemos como especiais instrumentos de Deus para a nossa vida e mais ainda porque é o carisma do fundador.*

*Vocês que estão aqui fazendo esta experiência, tendo essa iniciativa, cria um convívio entre as pessoas que vai se conhecendo melhor, vamos aprendendo mais da vida de Dom Orione e creio que o fruto será realmente de um certo entusiasmo, vendo Dom Orione uma pessoa que se apresentava modestamente, tinha um coração tão grande e nós percebemos que ia se tornando instrumento tão forte da ação de Deus. Nós ouvimos agora a leitura do evangelho, estes sinais maravilhosos querem restituir a saúde a vida de uma pessoa, nosso povo é vivo, atento a esses sinais; quando há milagres, curas, ficam tão felizes e reconhecem nisso uma presença especial de Deus, no entanto ontem, terminando a missa num lugarejo pequenininho chamado Castro, e ali havia um senhor com uma criança, filhinho deficiente e dizia: O Senhor abençoe meu filho porque ele é deficiente. Depois uma outra criança que não ouvia, não falava, não via. Claro que nós sentimos uma vontade tão grande de ter esses dotes especiais para curar as pessoas, provavelmente os santos receberam isto de Deus, mas não temos estas graças especiais, mas isto também nos faz perceber que ao lado dos grandes milagres de restituir a saúde, a vida, existe também um outro tipo de sinal, é a dedicação daqueles que estão vivendo uma situação de deficiência, e este é um enorme milagre na Igreja. É muito, eu acho, maior, do que se as pessoas descobrissem como a sua mediação saúde a quem não a têm, dedicar-se dia e noite com amor, com ternura a estas pessoas que precisam.*

*Eu diria a esta mãe pobre e ao marido que estava perto:*

*Veja nós temos 10% de pessoas deficientes no mundo, são muitos auditivos, visuais, aqueles que não podem caminhar, os que têm várias experiências, uma coisa é se isto acontece como fruto da fragilidade da própria fragilidade da vida humana, mas quando Deus deixa que assim seja e aparece uma vida precisando muito de amor, Deus também suscita quem possa dar a esta pessoa o amor. Então segurando a mão daqueles, pai e mãe eu dizia: veja esta criança veio ao mundo com estas necessidades, mas Deus deu a vocês um coração bonito para acolher esta vida. E as lágrimas começaram a correr tanto dos olhos do pai como da mãe e ele dizia: O Senhor pode estar certo que Deus nos deu muito amor, e nós entendemos o que o senhor está falando, que se Deus queria que o mundo fosse do jeito que é, Deus também quis que nós tivéssemos o coração do jeito que ele nos deu para amar muito este filho que é muito querido.*

*Então eu queria lhes dizer no grande conjunto da vida da Igreja, que Deus suscite homens, mulheres, leigos, religiosos consagrados, ministros que tenham uma predileção por aqueles que são mais necessitados, isto mostra o próprio carinho de Deus pela humanidade e reflete a disposição da providência que se nesse mundo o pecado tem os seus defeitos suas conseqüências, a ação salvífica de Deus tem também as suas delicadezas as suas maravilhas os seus milagres. O carisma de Dom Orione é um grande sinal de Deus e um grande milagre da Igreja de Deus.*

*Então eu queria também colocar assim em comum esta admiração a gratidão a Deus e pedir que cada um que sente assim esta grande vocação no seu íntimo constituído por esta obra de presença de trabalho na igreja e sabendo que Deus também não só tem predileção por aqueles a quem ele cura mas ele tem, eu creio, uma predileção ainda mais*

*profunda por aqueles que ele suscita para que sejam um pouco da sua misericórdia, da sua solicitude de seu amor paterno junto às pessoas que passam de modo especial necessidades, isto vale também nas situações de aflição espiritual, nós sabemos que muitas vezes são tão fortes, e hoje também pessoas drogadas os pais vivem tão aflitos, pessoas que se afastam de Deus, que caem as vezes na perversidade. Estou chegando de uma cidade vizinha. Uma senhora saía da missa e o marido veio com um machado e abriu a cabeça da esposa que ficou caída ali sem defesa. É uma brutalidade enorme, maldade da vida humana, então eu creio que Deus suscita sempre esta vontade de transformá-los para que aprendam o amor, amor que aparece, que se visibiliza neste gesto de atenção e também faz dentro das pessoas nascer aquela atenção pelo bem espiritual, para a salvação, pela conversão dos demais.*

*Não era só para lhes dizer que este afeto este apreço pedir a Deus que os conserve assim, e se possível contribuir pelas vocações aqui também, porque é um dever nosso de colaborar para que o instituto e as congregações de Dom Orione como aquelas que nós vamos conhecendo possam fortalecer e continuar assim, fazendo o bem na Igreja.*

*Dom Luciano Mendes de Almeida*

*Arcebispo de Mariana*

## *Dom Orione no Brasil*

Vamos aqui com algumas observações para entender o significado da presença missionária de Dom Orione no Brasil e ao mesmo tempo compreender as circunstâncias em que atuou e as dificuldades que encontrou.

Neste primeiro itinerário carismático orionita ficamos conhecendo os passos de Dom Orione no Brasil. Certamente impressionou-nos o ardor missionário e o dinamismo de fé do fundador; fica, porém, a estranheza pelo fato de não se ter ele demorado no Brasil. Por aqui ele simplesmente passou.

Tentemos conhecer a chave desse mistério, estudando os dois personagens da Igreja no Brasil com quem Dom Orione mais se encontrou: Dom Silvério e Dom Duarte.

Dom Silvério é o Arcebispo Negro de Mariana; homem culto e santo, ligado e solidário em tudo com a massa da população pobre do Brasil; chamou Dom Orione à nossa terra, acolheu-o com exultação; esperava muito do zelo e da audácia apostólica de Dom Orione, mas não teve meios de abrir-lhes as portas mais do que fizera oferecendo-lhe o ambiente interiorano da sua Arquidiocese junto com sua admiração e afinidade espiritual.

Dom Duarte era homem tenaz e empreendedor, zeloso em extremo pela liberdade e autonomia da Igreja local, convicto do prejuízo religioso que acontecia por virem as decisões pastorais de longe e de fora. Era por isso que costumava ser duro e inflexível com organismos e pessoas que a seu ver quisessem se intrometer nas decisões da pastoral na Arquidiocese. Foi assim com as Irmãs da Divina Providência da Madre Michel; tiveram ótimo acolhimento em Mariana e também no Rio de Janeiro, mas em São Paulo foram logo orientadas para obedecerem unicamente às decisões e linhas pastorais da Arquidiocese. Delineava-se um cisma na Casa da Mooca.

Em 1906 chega ao Brasil e a São Paulo o Pe. Gatti, ligado a Dom Orione e vem tentar restabelecer a união das Irmãs. Dom Duarte simplesmente lhe proíbe qualquer passo nesse sentido e nem sequer lhe permite celebrar a Eucaristia em São Paulo.

Em 1921 chega Dom Orione. É recebido pelo Vigário Geral com a máxima desconfiança e certamente olhado como alguém que vem opor-se ao Arcebispo valendo-se de cartas de recomendações do próprio Papa. Humilham-no, fazem-no esperar horas e mais horas e dificultam-lhe o contato com as Irmãs.

Dom Orione sofre tudo isso, mas surpreende o Arcebispo e sua equipe mostrando-se, como era seu estilo, respeitoso e obediente, não dando um passo sem a aprovação do Arcebispo a quem dirige palavras de verdadeira veneração. Dom Duarte acaba por convidá-lo a visitar as Irmãs e oferece-lhe uma paróquia a ser criada no Brás.

Tudo parece encaminhar-se muito bem, mas é então que surge o outro problema muito mais profundo; Dom Orione tem um projeto carismático e uma visão de Igreja que se choca de frente com o projeto e a visão geral de que Dom Duarte é o campeão. De fato o pensamento geral era fundamentalmente elitista: só às elites cabe a condução do processo social, político, religioso e tudo mais; as massas populares são incultas e consideradas incapazes de qualquer liderança. Dom Silvério está completamente isolado na sua posição de valorização do povo pobre. A maioria pensa como Dom Duarte que prestam um grande serviço à Igreja e à Pátria mantendo o povo inculto no seu devido lugar; obras de caridade e misericórdia, sim, orfanatos, sim, asilos e abrigos, sim... mas ascensão social... lugar eclesial... convite às massas populares para serem agentes da história...

E Dom Orione vem falar de uma Igreja ao lado do Povo, de Religiosos e Religiosas misturados aos pobres... e para o cúmulo, de Vida Religiosa e Sacerdócio para Negros e índios.

Era demais. Dom Duarte movimenta tudo o que pode para impedir esses projetos e consegue. Que venha Dom Orione e a Pequena Obra, que tenham paróquias e colégios, mas que parem por aí.

Dom Orione compreende que é preciso um recuo tático. Repete o que fizera ao sair da Europa; sai de cena. Deixa no Brasil um pequeno punhado de seus filhos para fazerem o que puderem... mas não desiste do seu projeto; garante que voltará:

“O que não pude fazer pelo Brasil em vida, farei depois, do céu.”

(Pe. Renato Scano, Itinerário Carismático, 1 a 10 de julho de 1997).